

## Algumas palavras

Por Aylton Escobar

Janeiro, 2018

Desde a escuta por assim dizer precoce deste recital de Fabio Brucoli (afinal, era ainda o demo do futuro CD), senti vontade de cumprimentar o jovem violinista não tanto pela audácia do seu repertório, mas pela sinceridade da sua disposição artística, pois ambas são evidentes virtudes e gestos que esperamos de todo artista talentoso e inquieto como ele é. As interpretações me provocavam cada vez mais ao longo da audição, partindo dos movimentos destacados da Sonata da chiesa em Sol menor, de Bach, sua lírica e meditativa Siciliana e o afirmativo Presto, até a veemente paixão da grande Ballade de Ysaÿe.

Só, o violino de Fabio Brucoli confirmava uma paisagem aberta: vertigens. A meio percurso neste chão montanhoso, a obra de Olivier Toni fluía feito um rio escuro de profunda beleza; as notas graves da quarta corda conferiam tristezas ltuosas, mas acima disso procuravam as rimas da gratidão devida “àqueles que nos deixaram” em tempo de luta.

No entanto, foi diante da elevadíssima montanha representada pela Sonata para Violino Solo, de Bartók, que a minha escuta se alertou: como o jovem artista enfrentaria as escarpas e grimpas daquele maciço? Obra piramidal, esta superlativa Sonata surgiu em meio aos ribombos insanos da II Grande Guerra; Yehudi Menuhin, que a comissionou e mereceu a dedicatória do compositor, estreou-a em novembro de 1944. Uma longa e importante correspondência se seguiu entre o autor e seu primeiro intérprete para tratar em detalhes os vários aspetos da singular e desafiadora partitura. Isto gerou uma edição revisada que orienta a maioria dos intérpretes atuais. Exemplos disso são as opções em nova escrita que acompanham várias passagens, sem comprometerem a disciplinada estrutura original; também é o caso das transposições dos quartos-de-tom (4º movimento: Presto) antes sugeridos pelo autor como menção à sonoridade popular húngara, ou ainda a opcional dispensa da surdina para o efeito sonoro especial de todo este movimento conclusivo da obra. O 1º movimento se ergue essencialmente sobre a forma-sonata que exalta intervalos e harmonias do típico folclore magiar – em Tempo di ciaccona. A dicção é angulosa, marcante, masculina. E ricas são as indicações agógicas que dinamizam e clareiam o jogo temático e suas variações, além de favorecerem a nitidez polifônica. A Fuga – Risoluto, non troppo vivo – inicia-se a três vozes; as linhas pulsando através de vigorosos golpes de arco staccato al talone. Após uma seção onde a voz temática aparece acompanhada por ligeiras volatas, ela retorna numa série de acordes que alternam arcadas e pizzicatos, exibindo o instrumento em sua plenitude expressiva e técnica. No entanto, não parece ser uma fuga em sentido estrito, já que vários

episódios, volta e meia, introduzem novo material ao tema principal, modificando-o sensivelmente. O 3º movimento, Melodia – Adagio, nos impressiona imediatamente através do seu lirismo de luminosidade contida que se reafirma em diferentes registros do instrumento, tensionando e relaxando seus contornos. Esta melodia irá se abrir em intervalos de sextas, oitavas, décimas, enxertados de murmurantes trinados e tremulados. Por fim, jogos de sons harmônicos e diáfanos agudos cobrem com um véu os últimos instantes deste Adagio. O Presto final é eletrizante! A nervosa ponta do arco sobre as cordas sussurra e parece que um vespeiro trama um ataque; as seis semicolcheias por compasso de repente mudam sua forte marca de acentuação para cada quatro e isso basta para bulir com a gente; as quebras rítmicas não cessam, embora jamais desmintam o prévio e rigoroso planejamento estrutural; de “caso pensado”, essas quebras rítmicas ou prosódicas (de resto, introduzindo intervalos de nonas, quintas e os fascinantes trítonos que deslizam para o alto) intensificam o prazer da dança feroz. Três temas contrastantes aparecem ao longo deste movimento, que, ao final, na Coda, ressurgem para concluir a obra de modo brilhante, quase impiedoso: objetivo.

Como o jovem artista enfrentou as terríveis escarpas e grimpas deste maciço? A resposta não demora: com acurado estudo, vitoriosa disciplina, ousadia e determinação. Cada página da partitura que ele me emprestou para consultas veio rabiscada de anotações gritadas, por assim dizer, alertas exclamativos, sinais de insatisfação, incitando-o a maiores esforços. Fabio Brucoli se propôs a vencer e a merecer Bartók.

Da Sonata nº3, Op.27 do genial violinista, regente e compositor belga, Eugène Ysaÿe – Balade – que encerra este belo Programa de Concerto, por acaso possuo uma cópia da histórica gravação deixada por Ilya Kaler que ouço em momentos de cura e alento. Ouvi-la com atenção certamente também pôde ter inspirado Fabio Brucoli na interpretação desta Balada de Ysaÿe com inteira deposição da alma. Pois o que salta da magnífica leitura de Ilya Kaler é a lição do artista que se dá conta das claras indicações do compositor, sempre atento ao espírito da obra em lugar de meramente levantar um monumento ao seu próprio virtuosismo e capacidade técnica. A diferença disso para as conquistas de Fabio Brucoli é a juventude deste último que lhe assegura novos êxitos, frutos da sua sinceridade profissional e firme disposição artística – as virtudes e gestos que esperamos de todo artista talentoso e inquieto como ele é.

Ouçamos o bravo recital de Fabio Brucoli!

A few words

By Aylton Escobar

January, 2018

After the rather precocious audition of this recital by Fabio Brucoli (after all, it was still only a demo of the future CD), I felt the need to praise this young violinist not so much for the audacity of the repertoire, but above all for the sincerity of his artistic temperament, since both are evident virtues and posture that we expect from every talented and restless artist like himself.

The interpretations provoked me more and more as I listened, beginning with the outstanding movements of the Bach's Sonata da Chiesa in Sol minor, with its lyrical and meditative Siciliana and affirmative Presto, and continuing on with the vehement passion of Ysaÿe's colossal Ballade.

Solitary, Fabio Brucoli's violin envisages an open landscape: vertigo. Halfway up this mountainous terrain, Olivier Toni's work flows like a dark river of profound beauty; the bass notes of the violin's fourth string confer sorrowful lamentations, but, above all, they procure rhymes of gratitude "to those who have left us" in times of mourning.

However, it was the towering mountain represented by Bartok's Sonata for Solo Violin that alerted my audition: how would the young artist face the rocky heights and precipices of that monumental peak? A pyramidal work, this superlative Sonata emerged amidst the insane thunder of the Second Great World War; Yehudi Menuhin, who commissioned it and earned the dedication from the composer, premiered it in November 1944. A lengthy and important correspondence then ensued between the composer and the first interpreter to deal in detail with various aspects of the singular and challenging score. This generated a revised edition that orients most interpreters to this day. Examples of this are new notation options that accompany various passages, without compromising the disciplined original structure, as in the case of the quarter-tone transpositions (in the 4th movement : *Presto*) that were previously suggested by the composer as a reference to Hungarian folk-music sonorities, and the optional use of the mute for the special sound effects in this concluding movement of the work. The first movement is constructed essentially in the sonata form which highlights intervals and harmonies of typical Magyar folklore- in *Tempo di Ciaccona*. The diction is angular, striking, masculine. And rich are the tempo indications that clarify and dynamize the thematic game and its variations, besides favoring a sharpness of polyphony. The Fuga - Risoluto, Non Troppo Vivo - starts with three voices, the lines pulsating through the use of vigorous staccato bow strokes *al talone*. After a section where the

thematic voice appears the instrument in all of its expressive and technical plenitude. However, it does not appear to be a fugue in the strict sense, since variations to the original theme are occasionally introduced, with new accompanied by light rapid flourishes, it returns in a series of chords that alternate bow strokes and pizzicatos, revealing thematic material that significantly modifies it. The third movement, *Melodia – Adagio*, impresses us immediately through its lyricism of restrained luminosity that is reaffirmed in different registers of the instrument, straining and then relaxing its contours. This melody commences with intervals of sixths, octaves, and tenths embellished with murmurous trills and tremolos. At the end, playful high-pitched harmonic and diaphanous sounds cover like a veil the last moments of this *Adagio*. The final *Presto* is electrifying! The nervous tip of the bow makes the strings buzz and it seems as if a wasp's nest is planning an attack; the six sixteenth-notes per measure suddenly change their strong accent mark for every four notes and that is enough to make us shiver; the rhythmic breaks do not cease, although they never renounce the precedent rigorous structural planning; with premeditation, these rhythmic or prosodic breaks (besides introducing intervals of ninths, fifths, and fascinating upwards-sliding tritones) intensify the pleasure of the ferocious dance. Three contrasting themes appear throughout this movement, which at the end, in the *Coda*, resurge to complete the work brilliantly, almost without pity: the objective. How did the young artist face the terrible escarpments and precipices of this mountain? The answer comes quickly: with thorough study, victorious discipline, boldness and determination. Every page of the score he lent me for consultation came scrawled with annotations, exclamatory alerts, signs of dissatisfaction, inciting him to greater efforts. Fabio Brucoli set out to win and merit Bartók.

About the *Sonata n° 3, Op.27 - Ballade* - of the great Belgian violinist, conductor and composer Eugène Ysaÿe, which concludes this beautiful Concert Program: by chance I possess a copy of the historical recording left by Ilya Kaler, to which I listen in times of healing and elation. Listening to it with attention certainly could also have inspired Fabio Brucoli in his absolutely soul-giving interpretation. For what is striking about the magnificent rendition of Ilya Kaler is the artist's lesson to adhere to the clear indications of the composer, being attentive to the spirit of the work, instead of merely erecting a monument to his own virtuosity and technical skill. The difference between this and the achievements of Fabio Brucoli is his youth, which will assure him new successes, fruit of his professional sincerity and firm artistic disposition - the virtues and posture that we expect from every talented and restless artist like himself.

Let's listen to Fabio Brucoli's audacious recital!